

Grattez l'adulte et vous y trouverez l'enfant.¹⁹
(Ferenczi, 1909, p. 98)

3.1. Crianças mal acolhidas

Com o emprego da técnica ativa, Ferenczi atirou no que viu e acertou, sobretudo, no que não viu: ante a experiência da ameaça de abandono, subjetividades traumatizadas se agarram ao objeto hostil assim como a caça precipita sua captura iminente lançando-se nas garras do predador. Desse modo, uma vez submetido à veemência da técnica ativa, o analisando já fragilizado em sua constituição narcísica experimentará o choque do “aviso prévio” da separação reproduzindo, junto ao analista, a adesividade por meio da qual se vinculara ao agressor.

Em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, Ferenczi (1929) parte de alguns exemplos de pacientes com sintomas psicossomáticos graves, bem como com histórico de tentativas de suicídio, para ilustrar a perturbação da “vontade de viver” naqueles que foram “hóspedes não bem-vindos” na família.

Dessa maneira, a partir da sua experiência com os casos difíceis com os quais lidava, Ferenczi concebera uma leitura das relações estabelecidas no aparelho psíquico entre pulsões de vida e pulsão de morte inteiramente referida ao estatuto da presença do outro/cuidador. O recém-nascido, por encontrar-se tão próximo ao indiferenciado (o “não

¹⁹ “Raspem o adulto e vocês encontrarão a criança”, em francês no original.

ser individual”), estaria, assim, mais suscetível às manobras de Tânatos, e dependente dos cuidados recebidos de maneira a despertar e incrementar sua “força vital” proporcionando-lhe, assim, o “prazer de viver”. Ele escreve:

A “força vital” que resiste às dificuldades da vida não é, portanto, muito forte no nascimento... ela só se reforça após a imunização progressiva contra os atentados físicos e psíquicos, por meio de um tratamento e de uma educação conduzidos com tato. (*op. cit.*, p. 50)

No que concerne às forças de Eros, pouco é inato, pouco é espontâneo. A partir da matriz clínica específica com a qual lidava, bem como dos fracassos dos tratamentos empreendidos, Ferenczi adquiriu a sensibilidade necessária para perceber que havia uma diferença clara, em alguns dos seus pacientes, entre a angústia originada pela experiência de desamparo constitutivo (*Hilflosigkeit*) da subjetividade humana postulada por Freud (1926), e os estados mórbidos decorrentes do “choque” responsável pela paralisia do pensamento provocada pelo abandono traumático.

A partir do final da década de 1920, quando passou a se debruçar sobre a traumatogênese e suas consequências para os quadros de sofrimento psíquico, a figura da *criança traumatizada* tornou-se praticamente onipresente em seu pensamento, inspirando seus principais títulos do período: além do já citado *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, de 1929, Ferenczi publicara no ano anterior *A adaptação da família à criança* (1928a), e pouco depois os célebres ensaios nos quais aprofundou a compreensão do mecanismo e das consequências do trauma sobre a subjetividade – *Análises de crianças com adultos* (1931a), e *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933a). Ou seja, são quatro importantes ensaios escritos nos cinco últimos anos de sua vida que trazem no título a principal figura inspiradora das suas reflexões teórico-clínicas: a criança incapacitada de brincar, criar e, mesmo, de viver, devido às experiências traumáticas experimentadas na relação com o outro/cuidador.

Desse modo, radicalizava-se a ideia freudiana de que a criança sobrevive no neurótico, e a clínica psicanalítica seria, desde então, concebida segundo a inspiração de que *toda análise é, prioritariamente, análise de uma criança em busca de “razões para continuar existindo”* (Ferenczi, 1929, p. 51).

3.2. Os três tempos do trauma: tempo do indizível, tempo do testemunho, tempo do desmentido

O resgate da concepção de trauma empreendido por Ferenczi tem sua originalidade no procedimento de composição por meio do qual redimensionou elementos das duas teorias do trauma formuladas por Freud: a teoria da sedução (Freud, 1896), e a teoria do trauma como excesso pulsional (Freud, 1920). Da primeira, Ferenczi extraiu a noção de que na origem do acontecimento traumático encontra-se um agente externo provocador, e de que a experiência disruptiva sucede em momentos distintos, sendo que o evento perturbador original é ressignificado *a posteriori* (*nachträglich*). Da segunda, adotou a ideia de que o choque traumatizante tem como efeito a emergência de um excesso pulsional não simbolizado cuja intensidade insuportável impele o aparelho psíquico a tentativas de evacuação que, na maior parte das vezes, assumem uma dimensão destrutiva ou mesmo mortífera.

Dessa maneira, é sugestivo o modo como Ferenczi define a origem de toda experiência traumática: “um adulto e uma criança amam-se” (1933a, p. 101). É justamente pelo fato de o agressor ser um objeto privilegiado de investimento amoroso que o ato de violação da integridade psicossomática da criança é potencialmente patogênico, tendo como efeito aparentemente paradoxal a transformação do amor terno em dependência tirânica. Seguiremos a descrição ferencziana dos tempos do trauma adotando a sedução sexual como paradigma do incidente traumatizante; no entanto, convém sublinhar que Ferenczi (*ibid.*, p. 105) reconhece outras duas modalidades de eventos traumáticos: as “punições passionais”, que implicam severos castigos corporais, e o “terrorismo do sofrimento” – na forma da depressão materna –, isto é, a (auto ou hétero) responsabilização de uma criança pelo sofrimento do adulto que deveria acolhê-la, invertendo o vetor das práticas de cuidado; modalidade mais sutil e também potencialmente mais nefasta de comprometimento da sua constituição subjetiva, sobre a qual voltarei adiante.²⁰

O acontecimento disparador da traumatogênese seria, portanto, a violação de uma criança pelo adulto amado, ato deflagrador de dor e de um excesso de excitação irrepresentável que provoca, por parte do

²⁰ Destacamos a inspiração privilegiada encontrada nos livros de Eugênio Canesin Dal Molin (2016) e Felícia Knobloch (1998) pela nossa reflexão sobre os tempos do trauma na teoria ferencziana.

psiquismo, tentativas de simbolização. Propomos denominar esse primeiro momento do incidente traumático de *tempo do indizível*.

De acordo com Ferenczi (1933a), tomada pela irrupção da angústia traumática a criança, em função da sua tendência à simbolização, buscará uma "segunda pessoa de confiança" (p. 103), outro adulto, diferente do agressor, para auxiliá-la a nomear o indizível. Pode-se considerar que o protótipo desse gesto em direção ao outro é o grito primordial que convoca o "indivíduo experiente atento ao estado da criança", descrito por Freud no seu *Projeto de uma psicologia* (1895, p. 32). Ferenczi conjectura que, no caso do assédio, a mãe se ofereceria como figura privilegiada "para que a criança possa encontrar uma ajuda junto dela" (1933a, p. 103). No entanto, na situação ora descrita, trata-se não mais, como no circuito da vivência de satisfação freudiana, de mera descarga de excitações (catarse), mas já de um apelo ao *reconhecimento* da própria dor, de uma tentativa de testemunhar perante a presença sensível do outro o ultraje sofrido. Designamos o segundo momento do episódio traumático, aquele no qual a criança endereça sua dor ao outro, de *tempo do testemunho*.

Trata-se, efetivamente, de um acontecimento crucial na concepção ferencziana, uma vez que é justamente o fracasso do *tempo do testemunho* que torna a violência sofrida pela criança efetivamente traumática, remetendo-nos à última etapa da traumatogênese. Ferenczi (1931a) ressalta que são as "atitudes inadequadas dos adultos diante das suas manifestações por ocasião dos choques traumáticos" que consomem o circuito funesto de transformação da dor do indizível em efração traumática. Em seu ensaio *Análise de crianças com adultos*, encontramos uma passagem bastante reveladora, por meio da qual o autor não dá margens a dúvidas acerca da sua concepção do ápice da traumatogênese. Nela lemos:

O pior é realmente o *desmentido* [*Verleugnung*] [itálico e colchetes nossos], a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico... (*ibid.*, p. 79)

Depreende-se, assim, que o trauma somente adquire sua faceta efetivamente desestruturante, acarretando a "comoção psíquica",²¹ com

²¹ Em "Reflexões sobre o trauma" lemos: "A palavra *Erschütterung* – comoção psíquica – deriva de *Schutt* = restos, destroços; engloba o desmoronamento, a perda da sua forma

a consumação do *tempo do desmentido*; ou seja, quando se configura o abandono daquele que fora requisitado para autenticar e significar a violação por meio do reconhecimento da dor que se apoderou do ser da criança. Ao contrário, essa terceira pessoa – diferente do agressor – desmentiria a versão da criança – geralmente apenas esboçada, em função da sua inaptidão para nomear o indizível –, ou mesmo a castigaria pelo episódio sofrido.

Por outro lado, como as marcas da agressão sofrida são indeléveis, é sobre a repetição do *tempo do testemunho* que atuamos clinicamente, possibilitando ao analisando, por meio do resgate da confiança perdida, a oportunidade de encontrar um destinatário capaz de escutar sua dor e atestar seu desalento. A sequência do argumento ferenciano é significativa: "(...) tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia e sem sequelas neuróticas se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura, e o que é mais raro, uma total sinceridade" (Ferenczi, 1931a, p. 79-80).

O estilo clínico desenvolvido por Ferenczi para o tratamento dos sujeitos traumatizados (objeto dos próximos capítulos) será, precisamente, inspirado na oferta de um destinatário para o testemunho da sua agonia.

3.3. A *Verleugnung* ferencziana: desmentido intersubjetivo e desautorização intrapsíquica

Na tradução brasileira da citação de *Análises de crianças com adultos* transcrita acima se lê "o pior é realmente a *negação*". Porém, no original, o termo utilizado por Ferenczi (1931b, p. 172) é *Verleugnung*²², que traduzimos por *desmentido*. O trecho acima, comentado por vários leitores da obra ferencziana é, de fato, crucial para a compreensão da sua teorização acerca do estatuto do trauma, da produção dos quadros psicopatológicos dele derivados, bem como para o embasamento da teoria da clínica concebida para tratá-los. Afinal, a operação promovida pelo que em alemão se diz *Verleugnung* é destacada como o elemento efetivamente gerador de sofrimento psíquico intolerável para a subjetividade, chegando a se confundir com a própria especificidade do traumático.

.....
própria e a aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada" (Ferenczi, 1934, p. 109).

²² *Das schlimmste ist wohl die Verleugnung* (Ferenczi, 1931b, p. 172). A tradução para o português é de Álvaro Cabral, e a revisão técnica de Cláudia Berliner.

Nesse sentido, sua tradução para as várias línguas – especialmente o francês²³ – constituiu verdadeiras tradições entre os psicanalistas.

O termo *Verleugnung* foi utilizado por Freud em vários momentos da sua obra como indicativo dos mecanismos de defesa privilegiados pelo aparelho psíquico, tendo sido definitivamente associado, desde a publicação de *Fetichismo* (1927), ao recurso utilizado pelo ego no desencadeamento da *divisão* promovida por meio da eleição do objeto fetiche; de um lado, admitindo a ausência do pênis na mulher, de outro, “negando” sua evidência. Encontra-se, nas sucessivas edições brasileiras da obra de Freud, a palavra *Verleugnung* traduzida como rejeição, negação ou recusa, talvez a tradução mais difundida atualmente. Independentemente do termo escolhido em português, é incontestável a associação entre o uso freudiano do termo *Verleugnung* e a manifestação da perversão.

De acordo com Hanns (1996, p. 303-313), a palavra alemã *verleugnen* mantém como característica indispensável uma “ambiguidade quanto a verdade e mentira” que faz com que não se saiba ao certo se algo é verdadeiro ou falso, ambiguidade muitas vezes encoberta pelos vocábulos negar ou renegar, utilizados em sua tradução em português. Em seus comentários, Hanns enumera quatro atributos vinculados ao uso freudiano do substantivo *Verleugnung* em seu sentido mais conceitual, ou seja, associado ao fetiche: (1) a *ambiguidade* acima referida – no uso coloquial do termo há ainda uma sugestão de “algo não muito correto”; (2) a *negação de evidências* e da percepção de algo que se impõe ao sujeito – sobretudo as evidências associadas à castração feminina, à sexualidade infantil e à morte; (3) a *negação de representações* – tanto no sentido de negar as próprias tendências do sujeito, quanto as percepções ou palavras, mas não necessariamente os *afetos* envolvidos na situação; e (4) o *esforço psíquico exigido* para manter uma “versão” em contradição com a percepção. As traduções mais adotadas em línguas estrangeiras são: *desmentida*, em espanhol; *déni* e *désaveu* em francês; e *denial* ou *disavowal*, em inglês.

Luís Claudio Figueiredo (2008) sugere a tradução *desautorização*, por entender que no processo da *Verleugnung* freudiana não se trata de negar ou recusar uma percepção, mas de obstruir seu caráter necessariamente processual e transitivo no cerne do aparelho psíquico,

²³ A tradução e a organização das obras de Ferenczi na França, graças à iniciativa de Judith Dupont nos anos 1980, tiveram papel importante para o movimento que tem sido nomeado como o “renascimento de Ferenczi” (cf. Rudnytsky, 1996).

mantendo-a apartada do resto da trama associativa do sujeito. A percepção em questão seria reconhecida, porém sua efetividade na produção de sentido pelo sujeito seria neutralizada, à moda da célebre fórmula proposta por Octave Mannoni (1973) para a perversão, "eu sei, mas mesmo assim...". Como lemos em Figueiredo, "a eficácia de que uma percepção é privada ao ser desautorizada é a sua capacidade de remeter-se e de engendrar outras percepções, ou de levar, em uma dada sequência perceptiva, a certas conclusões ou, ainda, de reativar certas lembranças" (2008, p. 61). O efeito da desautorização de uma percepção no psiquismo geraria, assim, uma "quase-coisa" que, por não estar integrada no fluxo associativo, se impõe de maneira descontrolada como uma lembrança muito vívida, provocando um estado permanente de confusão psíquica e de ameaça premente, podendo chegar à sensação de pânico.

Não se trata, como se pode depreender pela fenomenologia clínica, dos mesmos efeitos do mecanismo de recalçamento, aproximando-nos antes da problemática da *clivagem*. Figueiredo reconhece que a melhor tradução para *Verleugnung*, guardando a fidelidade à etimologia, seria "desmentido". No entanto, para o autor, o termo desautorização refletiria melhor o que se passa no interior do psiquismo do sujeito.

De fato, o termo desautorização contribui para enfatizar a dimensão de *desapropriação subjetiva* ocorrida naquele que se encontra em estado de vulnerabilidade. O radical grego *auto* significa aquilo que é próprio, "de si mesmo"; e dentre os efeitos mais comprometedores do funcionamento psíquico resultantes da experiência traumática estão o abalo da convicção nas próprias percepções e a anestesia da afetividade, que tornam o sujeito refém das versões ditadas pelo agressor e também por aquele que desmente a violência perpetrada.

Adiantamos ao leitor que o desvio pelo problema dos sentidos e das traduções possíveis para a palavra escolhida por Ferenczi como a chave da sua contribuição original para a problemática do trauma não será em vão. Porém, antes de prosseguirmos nessa direção, é preciso indicar que Ferenczi utiliza o termo em um âmbito bastante diferente daquele adotado pelo criador da psicanálise: enquanto Freud descreve um mecanismo de defesa intrapsíquico, Ferenczi emprega a palavra em um *enquadre relacional*, ou seja, o adulto eleito para ser o destinatário do testemunho da criança violada realiza a *Verleugnung*²⁴ deste mesmo testemunho.

²⁴ Substantivo feminino em alemão.

Pode-se presumir, assim, que se trata de um fenômeno de grande complexidade, no qual a *Verleugnung* é direcionada tanto *para si mesmo* – afinal, como indica Ferenczi (1933a, p. 103), o adulto tende a se convencer de que nada grave ocorreu (as tentativas de relato da violência sofrida pela criança são “repelidas pela mãe como tolices”) – quanto, e sobretudo, *para a vítima da violação*, promovendo, como consequência posterior, também nesta, a *Verleugnung* do evento traumático (cf. Mészáros, 2011). Nesse sentido, ao lado das *Verleugnungen* intrapsíquicas – seja no agressor seja na vítima da violência – que optamos por nomear de *desautorização*, constata-se uma *Verleugnung* relacional que traduziremos por *desmentido*. Observamos, ainda, que o termo escolhido por Ferenczi, aludindo ao termo empregado por Freud anos antes para descrever o mecanismo psíquico do fetiche, sugere que a teoria ferencziana do trauma pende do campo da perversão sexual para aquela da perversão social.

Nesse sentido, para fins de esquematização, o desmentido traumático é o ato realizado pelo adulto sobre a criança que a ele recorre em busca de auxílio para significar a violação que lhe foi imposta pelo agressor. Um mecanismo intersubjetivo, portanto. E a desautorização refere-se aos processos intrapsíquicos experimentados tanto pelo adulto que desmente – o que atesta sua impossibilidade de testemunhar a expressão da dor da criança – quanto pela criança vítima do trauma, que passa a duvidar das suas próprias percepções. Tentaremos explicitar o que está sendo aqui proposto para o entendimento da traumatogênese.

Alguns comentadores optam por traduções distintas daquela oferecida pela edição das obras de Ferenczi. Teresa Pinheiro (1995), pioneira na divulgação do pensamento ferencziano no país, adotando como matriz a versão francesa das suas obras, empregou em seu primeiro livro o termo “desmentido” como tradução para “*désaveu*”, com o qual nos parece ter tido sucesso em preservar a ambiguidade entre verdade e falseamento encontrada no alemão. Porém, mais recentemente, Teresa Pinheiro (2016) adotou a palavra “descrédito”.²⁵ como se pode constatar a partir da leitura do artigo “Confusão das línguas: eficiência e deficiências da tradução”, de Helena Floresta de Miranda (2012), que merece um exame mais detido.

O argumento de Floresta de Miranda nos interessa, sobretudo,

²⁵ Assim como o conjunto dos pesquisadores do NEPECC (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

pelo fato de ressaltar que, com o termo *Verleugnung*, Ferenczi está se referindo não a um processo intrapsíquico, mas a um fenômeno que “se passa entre pessoas”, corroborando nossa proposição da importância de se encontrar uma palavra suficientemente eloquente e fiel aos elementos da sua teoria. A autora, no entanto, parece ler a passagem de Ferenczi “o pior é realmente a *Verleugnung*, a afirmação de que não aconteceu nada” apenas do ponto de vista da criança que sofre a ação; na voz passiva, sendo a criança o paciente da ação efetuada pelo adulto. É o que se depreende das suas formulações acerca do uso do termo “desmentido”, indicando que este se refere a “um ato consciente”, praticado por “sujeitos conscientes” que, ainda que optando pelo cinismo, estão “no perfeito gozo de suas faculdades mentais” (*op. cit.*, p. 45), o que não poderia ser aplicado à criança.

Independentemente do fato de que sua descrição do sentido do termo desmentido, associado a uma ação consciente praticada por um sujeito consciente, nos parecer demasiado restrita, para Floresta de Miranda a sentença ferencziana é lida, repetimos, como “o pior é realmente a *Verleugnung* [sofrida pela criança]”, o que a leva a afirmar que foi a criança “quem sofreu a ação” (*id.*). Porém, seria totalmente factível ler a mesma frase na voz ativa como o pior é realmente a *Verleugnung* efetuada pelo adulto atingindo a criança e também a si mesmo, sem tanta consciência ou mesmo sem consciência alguma do seu ato. Não estamos questionando que a criança é aquela que mais sofre, sem dúvida, as consequências do evento traumático; mas não é a única, o adulto também “paga o preço” pela *Verleugnung* cometida.

A continuidade do seu raciocínio é toda baseada, portanto, em uma interpretação na qual o termo *Verleugnung* utilizado por Ferenczi tem um sentido unívoco – o que a criança sofre, e não a operação complexa – inter e intrapsíquica – que o adulto realiza sobre a criança, mas também sobre si. Assim, uma vez que a criança, na situação descrita por Ferenczi, não poderia ser considerada um “sujeito consciente no perfeito gozo de suas faculdades mentais” – de fato, como veremos, o principal efeito do trauma é a perda da certeza de si por parte da criança – a autora propõe traduzirmos *Verleugnung*, nessa passagem, por “descrédito”. De acordo com sua versão, o adulto *desacredita* o testemunho oferecido pela criança violada.

Pelo exposto, consideramos que a complexidade do fenômeno descrito por Ferenczi exige que leiamos a passagem de *Análise de crianças com adultos* em toda a sua indiscernibilidade, acolhendo sua dimensão paradoxal. Desse modo, ela deve ser lida tanto na voz ativa – a *Verleug-*

nung cometida pelo adulto sobre a criança, e sobre si, desautorizando a percepção da verdade do relato infantil – quanto na passiva – a *Verleugnung* sofrida pela criança, cometida pelo outro. Mas é preciso também considerar a *Verleugnung* que ocorrerá, como consequência, em seu próprio psiquismo, desautorizando *ativamente* as percepções vinculadas ao evento traumático.

Além disso – e nesse ponto nos apoiamos nas evidências que nos são oferecidas pelos relatos que escutamos cotidianamente em nossos consultórios de ambos os atores da cena traumática – não acreditamos ser adequado supor “sujeitos conscientes no perfeito gozo de suas faculdades mentais” no que se refere ao incidente traumático. É preciso considerar que, dentre as fontes da *Verleugnung* cometida pelo adulto, se encontra a insuportabilidade de estar diante da dor de uma criança, com tudo o que isso implica em termos de fratura das idealizações e, mesmo, da evocação das próprias violações sofridas em sua história. E ainda: seria preciso considerar os efeitos da *Verleugnung* no próprio adulto que, assim como o agressor que cometeu a violação, sofre a “culpa” e o “remorso”, que o levam ao mesmo raciocínio atenuante, ainda que não totalmente consciente: “é apenas uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso” (Ferenczi, 1931a, p. 102-103).

Como ressalta Mészáros (2011, p. 16), mecanismos de defesa como a “banalização/minimização, projeção, negação, fingimento, etc.” entram em jogo no evento traumático também “do lado do agressor”. Para esclarecer ainda mais nosso argumento, é preciso recordar que na cena do trauma descrita por Ferenczi temos não apenas *um*, mas *dois* adultos agressores: o adulto que viola a criança – que Ferenczi (1933a) chama, em alguns momentos de adulto enfurecido e louco, muitas vezes alcoolizado, que não reconhece a dissimetria existente entre ele e a criança –, e o segundo adulto, a quem a criança se dirigiu em busca de socorro, que promove a *Verleugnung*, *dementando* o testemunho da vítima.

Portanto, todos os elementos descritos por Hanns (1996) como característicos da *Verleugnung* – ambiguidade entre verdadeiro e falso, negação de evidências e de percepções e esforço para manter a mentira – estão presentes no cenário ferencziano, incluindo agora a *Verleugnung* sofrida pelo próprio adulto e, também, a *Verleugnung* cometida pela criança ao identificar-se com a culpa e ao incorporar, como consequência, a versão dos adultos envolvidos no evento traumático. Desse modo, seria importante, a nosso ver, manter a evocação da “mentira” embutida na palavra *dementido*, o que preservaria uma proximidade

com o sentido ativo de "mentir", presente na raiz indo-europeia "-leug-nen" (*op. cit.*, p. 303).

Por outro lado, o termo descrédito, sugerido por Floresta de Miranda (*op. cit.*), além de ficar demasiado restrito a uma ação sofrida pela criança – que seria desacreditada pelo adulto –, parece perder a contundência que a palavra desmentido porta no sentido da produção de uma versão mentirosa, finalmente compartilhada pelo par envolvido no evento traumático. Adiantamos, ainda, que em seu ensaio *O problema do fim da análise*, Ferenczi (1928c) parte, justamente, da ideia de que o término da análise implica a superação da tendência à *mentira* por parte do analisando (o que será enfatizado no Capítulo 5).

Sugerimos, nesse sentido, adotar o termo desmentido como tradução para a *Verleugnung* que se impõe no *campo relacional*, ou seja, para o que se passa entre a criança e o adulto que efetivamente falseia, nega a realidade e nega as percepções provocadas pelo testemunho da criança, transformando o evento de violação em abandono e lançando-a nos domínios da agonia.

Em contrapartida, propomos o emprego do termo *desautorização* para o mecanismo defensivo intrapsíquico que advém – tanto na vítima quanto no agressor – na ocasião do incidente do trauma; haveria, assim, como efeito do *tempo do desmentido* traumático, a *desautorização* que promove a clivagem narcísica no sujeito traumatizado, bem como a *desautorização* responsável pela absoluta *indiferença* do adulto no qual se confiava e do qual se esperava merecer cuidados.

Sistematizando, na tentativa de esclarecer definitivamente ao leitor a nomenclatura que utilizaremos doravante: a violação cometida pelo adulto *agressor* remete a criança ao *tempo do indizível*, primeiro tempo do trauma, que lhe provoca dor/angústia traumática; o gesto da criança em direção a outro adulto confiável capaz de auxiliá-la a simbolizar a *dor* promovida pela violação caracteriza o segundo tempo do trauma, o *tempo do testemunho*, decisivo para a consecução do evento; finalmente, a *Verleugnung* perpetrada pelo *segundo* adulto, que acarreta o fracasso do testemunho da criança, caracteriza o *tempo do desmentido*, completando o círculo vicioso da traumatogênese. A criança padece então da *agonia* insuportável e recorre à *desautorização* por meio da *identificação com seu agressor*, que promove a incorporação da culpa pela catástrofe sofrida, negando as evidências e contradizendo suas próprias percepções. Como escreve Ferenczi (1933a, p. 102):

Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão: a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo

inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos será desfeita [itálicos nossos].

Por outro lado, tanto o adulto agressor quanto aquele que promove o desmentido do testemunho da criança também sofrem os efeitos dos seus atos, na forma do "remorso" (Ferenczi, 1933a, p. 102). Do mal-estar dos adultos advém o recurso à *desautorização* das suas percepções, que Mészáros (*op. cit.*) ilustrou por meio das figuras da banalização, projeção, negação e fingimento, e que Ferenczi exemplificou com a ideia: "Oh, é apenas uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso" (1933a, p. 102).

Apesar de nossos esforços em deslindar ao máximo a traumatógênese ferencziana, reconhecemos que persiste, em torno do trauma e dos modos de dizê-lo, uma névoa de ambiguidade, indiscernibilidade e, mesmo, de *confusão* que não passou despercebida por Ferenczi.

3.4. *Katonadolog* e a vergonha da vítima

Uma cena do filme *A vida é bela* (Benigni, 1997) contribui para ilustrar o sentido da concepção ferencziana da confusão reinante no encontro das línguas características do universo das crianças e dos adultos, tese na qual se apoia sua traumatógênese (Ferenczi, 1933a). Recordando ao leitor, trata-se de uma versão tragicômica dos campos de concentração nazistas dirigida pelo ator e comediante italiano Roberto Benigni. Na cena, pai e filho estão junto com outros prisioneiros recém-chegados em um pavilhão do campo aguardando os acontecimentos. Subitamente um oficial nazista adentra o local e começa a vociferar normas em alemão. Segundo o argumento do filme, o pai tenta convencer seu filho de que tudo não passa de um jogo de aventura, e começa a "traduzir" os brados do militar como se fossem regras de uma competição lúdica entre times adversários. O oficial vocifera palavras de ordem; o pai traduz, porém no mesmo tom impositivo, as regras de um jogo infantil. No entanto, e daí decorre o efeito risível da situação, há uma irredutível discordância entre o conteúdo daquilo que o pai enuncia em italiano e a rudeza por meio da qual o nazista profere suas determinações em alemão; verdadeira confusão de línguas. O espectador é levado a rir pelo absurdo da situação, mas trata-se de um riso amarelo, constrangido e, mesmo, culpado e envergonhado. Do que nos culpamos e envergonhamos?

De imediato poderíamos dizer que se trata de "vergonha alheia": envergonhamo-nos pela *impotência* de um pai que desesperadamente

busca poupar seu filho dos horrores impostos por uma conjuntura sociopolítica que transcende, em muito, seus poderes paternos; um pai bastante frágil (para o que a figura franzina de Benigni colabora) diante de forças infinitamente mais poderosas (representadas por um ator alto, forte e viril, o militar ariano na cena).

Poderíamos, ainda, pensar que se trata de culpa e vergonha por identificação com o agressor, ou seja, pelas barbaridades perpetradas pelos nazistas contra civis, incluindo idosos, mulheres e crianças; algo próximo do remorso do perpetrador do trauma indicado por Ferenczi. Porém, inspirados em Agamben (2008), podemos ainda pensar na vergonha pela identificação com a própria vítima do ultraje – uma vergonha sutil, por se estar protagonizando, ainda que passivamente, um capítulo indigno da história humana, o que nos aproximaria, agora, da contrição daquele que, por não suportar reconhecer a versão da criança violada, se ensurdece, *dementindo* seu testemunho. Pode-se compreender, assim, que o desmentido traumático não é, na maior parte das vezes, um ato consciente ou de motivação perversa, mas uma *defesa* pelo fato de sermos remetidos à posição de testemunha de uma abjeção que evidencia o ponto a que pode chegar à crueldade quando se reduz o outro à condição de objeto.

Desse modo, considerando que nosso constrangimento ao assistir a cena criada por Benigni indica a tendência a nos defendermos – assim como o adulto que comete a *Verleugnung* do testemunho de uma criança violada – do impacto do traumático sobre a nossa subjetividade, podemos conceber que o mesmo tende a ocorrer no campo social quando, frente a violências cometidas contra grupos vulneráveis – seja o estupro de mulheres, o espancamento de LGBTs ou a morte de refugiados –, se impõe a *indiferença* (cf. Moraes & Macedo, 2011). Assim, a expressão do trauma esbarra não apenas em seu núcleo irrepresentável e indizível – não encontramos recursos linguísticos capazes de transmitir a experiência traumática, tampouco de perlaborar seu impacto destrutivo – mas, também, naquilo que porta de *inaudível*, e que tende a tornar o outro insensível à voz daquele que deseja testemunhar sua dor.

Uma ilustração dessa tendência é o sonho relatado por Primo Levi (1988), acrescentando que muitos prisioneiros dos campos costumavam sonhar algo parecido: ele estava na casa da irmã, em Turim, na mesa de jantar, e todos conversavam animadamente; então ele contava sobre o que estava vivendo no campo, mas as pessoas continuavam mantendo suas conversas prosaicas, ignorando-o – verdadeiro presságio do nega-

cionismo do holocausto que, segundo alguns autores, foi um dos motivos para o seu presumível suicídio (cf. Barbosa & Kupermann, 2016).

Pode-se, portanto, depreender que a opção de Roberto Benigni pelo estilo que oscila entre o cômico e o grotesco na segunda parte de *A vida é bela* teve o propósito de, por meio do emprego de uma linguagem capaz de surpreender e de afetar o espectador, combater a indiferença e, mesmo, a anestesia diante de um tema já bastante explorado pela cinematografia do século XX. Trata-se sempre, na busca de testemunhar um evento traumático, da tentativa de sensibilizar o outro para o horror daquele que assistiu seus ideais de amor, confiança e proteção caírem por terra.

Ferenczi (1933a, p. 111), ao comentar a incompreensão dos adultos ante a criança traumatizada, recorre à expressão húngara *katonadolog* ("soldados podem suportá-lo") – que adultos utilizavam para as crianças que as solicitavam chorando de dor ou sofrimento –, para indicar que se exige da criança (ou do sujeito em condição de vulnerabilidade) um "grau de heroísmo" do qual ela ainda não é capaz. Ou então, acrescenta, "os adultos reagem com um *silêncio de morte* que torna a criança tão ignorante quanto se lhe pede que seja". Mas o que seria, afinal, tão difícil de escutar?

3.5. A confusão de línguas

No seu ensaio *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi (1933a) nos oferece, por meio de uma teorização acerca da especificidade dos regimes da sexualidade experimentados pelos adultos e pela criança, a resolução metapsicológica para o problema detido por uma teoria do trauma que parece resgatar alguns dos elementos presentes na teoria da sedução de Freud (1896), abandonada em 1897 e sepultada (definitivamente?) com a assunção da sexualidade infantil (cf. Freud, 1905a).

De fato, a teoria da sedução preconizava que o trauma decorreria de um abuso sexual real de uma criança, promovido por um adulto perverso. Produto de uma época na qual Freud acreditava no caráter bifásico da sexualidade, ou seja, que a criança seria assexuada, a teoria da sedução postulava uma segunda cena, já na puberdade, a partir da qual as marcas mnêmicas da cena de assédio guardadas em estado de latência seriam reativadas, agora como representação intolerável, sobre a qual incidiria o recalque. "Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências", como se lê nos *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud,

1893-1895, p. 48). Porém, na situação do trauma, a memória seria mais dolorosa que o próprio evento da agressão sexual, sem significação possível na ocasião.

O caso Katharina é emblemático: abusada inicialmente pelo próprio pai, em momento posterior, ao flagrar o ato sexual de seu pai com sua prima, ela recalca a ideia "Agora ele está fazendo com ela o que desejava fazer comigo naquela noite e das outras vezes" e adoece, padecendo de conversões histéricas (*op. cit.*, p. 180).

Porém, como resultado de sua autoanálise, Freud logo começa a duvidar da realidade das memórias evocadas por suas pacientes. Em *Lembranças encobridoras* (Freud, 1899) demonstra como a memória é atravessada por fantasias carregadas de desejo; e em carta datada de 21/09/1897, endereçada ao amigo e confidente Wilhelm Fliess, escreve: "não acredito mais em minha *neurótica*" (Freud, 1987, p. 350). Nesse momento, o complexo de Édipo já se impunha como fonte das fantasias e dos conflitos causadores da neurose. A partir da nova leitura, as cenas de sedução relatadas pelas pacientes histéricas eram interpretadas como expressão de fantasias edípicas manifestadas por meio de lembranças encobridoras. A publicação dos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (Freud, 1905a), é a lápide posta sobre uma teoria do trauma baseada na hipótese de que a criança vivencia um estágio não sexual do desenvolvimento humano.

Como consequência das torções teóricas de Freud, a partir desse momento pouco se fala em trauma sexual infantil – ainda que em seus casos clínicos, com destaque para o caso do Homem dos Lobos, a questão traumática seja bastante presente (Freud, 1918[1914]). Como foi possível a Ferenczi resgatar, anos após a evidência incontestável da sexualidade infantil no campo psicanalítico, a problemática do trauma, concedendo a ele o destaque que mereceu em sua concepção psicopatológica?

Pode-se propor que, em primeiro lugar, Ferenczi (1916, 1917) se deparara com o traumático a partir da sua experiência como médico no *front* húngaro, durante a Primeira Guerra Mundial, quando tratou de soldados vítimas das neuroses de guerra. Depois, a partir dos fatos clínicos que assistia por se dedicar aos casos mais graves, nos limites da neurose, os chamados "casos difíceis", que o levaram primeiro a explorar e depois a abdicar da técnica ativa. De fato, o fenômeno do "retraumatismo" provocado pela própria análise – ou melhor, pelo abuso do emprego do princípio de abstinência e da interpretação – foi decisivo para sensibilizá-lo para o manejo clínico das subjetividades traumatizadas (*cf.* Goldfajn, Martins, & Kuperman, 2018). Não se pode, ainda,

menosprezar a influência dos efeitos iatrogênicos da sua análise com Freud para que fosse considerada a necessidade de conceber um novo estilo clínico capaz de tratar a criança traumatizada presente em cada analisando, "difícil" ou não (o que o título do ensaio de 1931, *Análises de crianças com adultos* – que seria mais bem traduzido como *análise das crianças nos adultos* – deveria evidenciar).²⁶

Porém, para tratar da criança seria preciso adotar uma linguagem capaz de afetá-la; o estilo interpretativo predominante na psicanálise do seu tempo revelava-se pouco eficiente. Não há dúvida de que a criança convoca uma linguagem própria; basta recordar que, mesmo na vida social, há uma maneira *terna* de se falar com as crianças que difere do modo com que falamos com adultos, assim como há uma maneira de falar quando estamos desfrutando de intimidade com os outros. Bakhtin (1996) nomeia essa modalidade linguageira de "linguagem familiar", uma linguagem caracterizada pela proximidade afetiva e pela experiência de comunhão característica das festas que animam a experiência cultural.

Segundo Anna Verônica Mautner (1996), a inspiração para a formulação, por Ferenczi, de uma *confusão de línguas* traumatogênica, fora a própria situação da Hungria do seu tempo, na qual coexistiam duas línguas: o alemão – língua "oficial" utilizada nas instituições responsáveis pela esfera pública – e o magiar – língua empregada na intimidade, por meio da qual se expressavam os afetos que circulavam nas relações efetivamente significativas; uma língua própria para se desfrutar da convivência da família e dos amigos, para brigar, rir, xingar e namorar.

Ferenczi (1932) diferencia, assim, "o que existe de terno no erotismo infantil", expresso pela "linguagem da ternura", do "que há de apaixonado no erotismo adulto", expresso pela "linguagem da paixão", assumindo uma diferença inexorável entre fase de ternura e fase de paixão na constituição subjetiva. A confusão se impõe na medida em que os adultos ignoram essa dissimetria estrutural, seja menosprezando a "maneira de pensar e falar dos filhos" (p. 105) seja confundindo as fantasias lúdicas e o erotismo infantis, perpetrando a violação que originará o trauma.

Percebe-se, desse modo, que a traumatogênese ferencziana reconhece a sexualidade infantil postulada décadas antes por Freud; no entanto, para o húngaro, a sexualidade infantil não é simétrica à do

²⁶ "Kinderanalysen mit Erwachsenen", no original em alemão.

adulto, entendendo-se por sexualidade a modalidade de relação de objeto estabelecida a cada momento da constituição psíquica infantil e do desenvolvimento do sentido de realidade. Assim, antes de poder experimentar o amor objetal a criança estaria submetida ao “amor objetal passivo” e à dependência da “ternura materna”. O jogo amoroso entre a criança e o adulto pode evidentemente assumir uma “forma erótica” – a criança demonstrando interesse pelos órgãos sexuais do adulto, ou brincando de representar o cônjuge do sexo oposto – conservando-se, porém, “sempre no nível da ternura” (Ferenczi, 1933a, p. 101-103).

No “pós-escrito” ao ensaio *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi esclarece que a paixão do adulto inocula na criança o sentimento de culpa próprio do erotismo adulto, que transforma prematuramente o objeto de ternura em objeto de ódio e de amor simultaneamente, ou seja, em um objeto ambivalente. De acordo com Ferenczi, seria a ambivalência – inexistente no estágio da ternura – e o enigma da culpa e do ódio nas relações ternas que detêm potencial traumático. “Esse ódio”, escreve Ferenczi, “transforma um ser que brinca espontaneamente, e com toda a inocência, num autômato, culpado do amor, e que, imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo” (*ibid.*, p. 106).

Assim, se na mitologia ferencziana do trauma tudo começa com uma cena na qual um adulto e uma criança se amam – o adulto no registro da paixão e a criança no registro da ternura, ou seja, do amor objetal passivo e da dependência –, depreende-se que esse amor se torna submissão se os adultos não conseguem escutar a linguagem da ternura infantil.

Convém dar mais um passo na compreensão da teoria da confusão de línguas traumática, referente ao fato de Ferenczi nomear os regimes de sexualidade infantil e adulto de “linguagens”. A linguagem é considerada, para Ferenczi, não apenas a figura privilegiada da relação com a alteridade, mas, também, a forma mais eficiente de influenciar o outro e manter o psiquismo operando segundo o princípio de prazer – herdeiro da “onipotência alucinatória mágica” resultante da vivência de satisfação e característica dos primeiros gestos na relação com os objetos do mundo (*cf.* Ferenczi 1913a). Toda e qualquer satisfação teria, de acordo com a descrição ferencziana dos estágios do desenvolvimento do sentido de realidade, relação com o modo de funcionamento psíquico que busca restaurar um estado no qual o sujeito mantenha pulsante a sua onipotência – entendida como o sentimento de que o mundo

é, também e sobretudo, uma criação sua, e não uma mera imposição externa frustradora. Caso contrário, a "malícia" dos objetos tenderia a promover uma ruptura traumática no desenvolvimento do sentido de realidade, impondo a adaptação da criança a um ambiente hostil e fixando-a em um dos períodos do desenvolvimento do sentido de realidade – caracterizando um processo traumático e o consequente sofrimento psicopatológico.

Assim, no processo de constituição subjetiva, a sequência dos estágios do sentido de realidade é acompanhada de modos por meio dos quais a criança preserva a força expansiva do gesto criador: da "onipotência alucinatória mágica" para a "onipotência com ajuda dos gestos mágicos", e desta para o período dos "pensamentos e palavras mágicos" (retomaremos com mais detalhes os estágios do desenvolvimento do sentido da realidade no próximo capítulo). A palavra seria, assim, efetivamente mágica, uma vez que ela mantém seu potencial evocativo e, mesmo, alucinatório. Ou seja, por influenciar o adulto cuidador que atende à enunciação da criança, a palavra presentifica o objeto transformando a realidade de acordo com os seus desejos. O que Ferenczi nomeia como "satisfação lúdica da ternura" refere-se, justamente, ao fato de que a linguagem da ternura evoca o jogo amoroso no qual o adulto atua no sentido de satisfazer a onipotência criadora da criança que dele depende.

A linguagem da ternura é, assim, antes de qualquer coisa, um convite à relação de cuidado; para que dois sujeitos efetivamente se falem é preciso conceber que, entre eles, já está estabelecida uma circulação afetiva que favorecerá com que a criança avance da posição de dependência e passividade ("amor objetal passivo") para o relacionamento intersubjetivo com os objetos de sua escolha. O trauma, entendido como fratura do gesto onipotente da criança, implica, assim, o desmentido da linguagem da ternura infantil e da *verdade* que ela porta.

3.6. A clivagem: identificação com o agressor e progressão traumática

Em 1923, Ferenczi dedica algumas linhas ao sonho do "bebê sábio", relatado por vários analisandos: "(...) recém-nascidos, bebês de cueiro ou crianças muito pequenas são capazes de falar ou escrever com perfeita desenvoltura... ou sustentar conversas de erudito, proferir discursos, dar explicações científicas" (1923, p. 207). A mesma fi-

gura arquetípica do bebê sábio aparece em contos populares, mitos e em tradições religiosas.²⁷ Na época, Ferenczi acreditava que esse sonho simbolizaria o desejo de “uma inversão da situação em que a criança se encontra” (idem), dependente dos cuidados – sabedoria e conhecimentos – dos adultos.

No início dos anos 1930, no contexto da construção da sua teoria do trauma, o sonho é retomado junto a outros sonhos e materiais autossimbólicos como representação da *autoclivagem narcísica* à qual o sujeito recorre diante da experiência do desmentido traumático. Assim, Ferenczi (1931a, p. 77) relata sonhos de pacientes em que a cabeça, separada do corpo, caminha com os próprios pés ou está ligada ao tronco por um tênue fio.²⁸ Ou ainda fantasias nas quais um predador ataca com garras e dentes uma medusa que, por sua vez, esquiva-se dos golpes voltando à forma esférica em seguida. Esses materiais psíquicos exprimiriam a “resistência passiva” do sujeito às agressões do ambiente e, também, a clivagem da personalidade “numa parte sensível, brutalmente destruída, e uma outra que, de certo modo, sabe tudo mas nada sente” (Ferenczi, 1931a, p. 77).

A situação traumática indica a necessidade de o sujeito abandonar de criar, por meio da clivagem, uma instância autoperceptiva no sentido de substituir, ele próprio, seus cuidadores ausentes. “Uma parte da sua própria pessoa começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte, e assim torna o abandono nulo e sem efeito” (*ibid.*, p. 76). Ferenczi ressalta, assim, a tendência de crianças traumatizadas – moral e fisicamente – apresentarem traços de amadurecimento precoce e de sabedoria. Tornam-se pessoas que tendem a cercar maternalmente os outros e a ajudá-los transmitindo o conhecimento adquirido com seu próprio sofrimento. São os “psiquiatras da família” (e futuros candidatos às práticas de cuidado, incluindo os psicanalistas).²⁹ Nesse sentido, fornecendo as pistas autossimbólicas para a compreensão da clivagem narcísica, o sonho do bebê sábio adquire um novo entendimento. Não se trata mais da expressão do singelo desejo de independência em relação aos adultos, mas da efetiva necessidade de, para sobreviver, ama-

²⁷ Remeto o leitor à cena do nascimento de Sidharta no filme *O pequeno Buda*, de Bernardo Bertolucci (1993).

²⁸ Winnicott (1945) descreve experiências psicóticas de despersonalização muito próximas dos sonhos descritos pelos analisandos de Ferenczi.

²⁹ Na situação de analisandos, tendem a “cuidar” dos seus analistas evitando críticas e a expressão de toda e qualquer hostilidade, o que, no limite, inviabiliza a análise.

durecer precocemente, configurando uma "progressão traumática" patológica (Ferenczi, 1933a, p. 104).

No que se refere aos traumas sexuais e àqueles decorrentes de castigos corporais, a clivagem se imporia como a resposta da criança que se encontra incapaz de reações aloplásticas defensivas diante do medo dos adultos enlouquecidos. Desse modo ela recorreria a reações autoplásticas por meio das quais, por uma espécie de mimetismo, se identifica com o agressor adivinhando seus desejos e obedecendo automaticamente às suas vontades (*ibid.*, p. 102). A identificação com o agressor caracteriza uma operação na qual a ameaça externa torna-se intrapsíquica, o que permitiria à criança retomar (imaginariamente) o controle sobre a situação intolerável e, mesmo, o resgate da situação de ternura anterior, desautorizando as percepções relacionadas à agressão sofrida. Por meio de uma espécie de anestesia da angústia traumática o sujeito clivado se refugia na posição de "observador" alheado dos acontecimentos do mundo e do seu próprio sofrimento (*cf.* Verztman, 2002).

No entanto, o ônus da identificação com o agressor é, de um lado, uma perda da "confiança no testemunho dos seus próprios sentidos" em função da desautorização da percepção do evento traumático (*id.*); de outro, uma vez que a versão que prevalece é a do desmentido, o sujeito termina por incorporar o sentimento de culpa próprio do adulto agressor.

Um efeito frequente da identificação com o agressor é a emergência súbita, na criança, de faculdades próprias dos adultos por ela mimetizados. Ferenczi (1933a, p. 104) emprega uma metáfora contundente desse processo descrito como prematuração patológica ou progressão traumática. "Pensa-se", lemos, "nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado" (*id.*). A imagem é bastante ilustrativa da concepção de clivagem entre uma parte inteligível onisciente, porém anestesiada; e outra parte, o núcleo sensível do sujeito portador do sentimento de si, destruída.³⁰ Buscando uma aproximação com a metapsicologia freudiana (da qual nunca desejou se afastar), Ferenczi indica que a subjetividade clivada configuraria uma "forma de personalidade feita unicamente de id e superego" (*ibid.*, p. 103) que, tendo as funções egoicas de mediação bastante comprometidas, seria incapaz de

³⁰ Não é difícil reconhecer a influência da noção de clivagem narcísica sobre as concepções winnicottianas de verdadeiro e falso *self*, decorrentes da cisão básica da personalidade (Winnicott, 1960).

afirmar-se nas situações de angústia provocada pelo desamparo – ou seja, naquelas que exigem do aparelho psíquico as competências para o trabalho de luto e para a conseqüente resignificação de si e dos objetos.

A subjetividade assim descrita, identificada “totalmente com o agressor” (*ibid.*, p. 102), não encontra meios para escapar da aderência ao objeto que, preservado do trabalho de desligamento promovido pelo exercício da ambivalência afetiva, mantém-se incrustado de forma idealizada em seu psiquismo.³¹ Perpetua-se, assim, sua dependência e sua subserviência ao objeto incorporado como superego tirânico, aproximando-se da descrição do masoquismo, figura psicopatológica que concentrou a atenção de Freud nos últimos anos de seu trabalho (*cf.* 1924, 1928[1927], 1930[1929]).

Uma terceira e última modalidade de trauma é discriminada por Ferenczi, o “terrorismo do sofrimento”, mais lesiva que as formas de violência explícita sofridas pelo sujeito. Ferenczi descreve, nesse caso, os efeitos da depressão materna – “uma mãe que se queixa continuamente de seus padecimentos” sobre o filho pequeno que se vê, assim, transformado ele mesmo em “verdadeiro substituto materno” incumbido de cuidar da própria mãe. A relação de cuidado é, assim, invertida, e as crianças precocemente amadurecidas, em busca do resgate da ternura primordial, “são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família” (Ferenczi, 1933a, p. 105).

É significativo cotejar o emprego por Freud da figura da criança como representante do recalcado, com as imagens do bebê sábio e da criança traumatizada apresentadas por Ferenczi. A criança freudiana é a criança maliciosa que denuncia, por meio dos seus comentários inusitados, a hipocrisia social; como na parábola “A roupa nova do rei”, de Andersen, na qual é ela que revela que o rei está nu. A criança freudiana detém, portanto, um saber que, com a incidência do recalque, tornou-se indisponível ao adulto. É o infantil – na forma das fantasias, angústias e teorias sexuais – que emerge e que surpreende no relato dos pacientes neuróticos de Freud. No relato do caso do “Homem dos Lobos”, Freud (1918[1914], p. 129) escreve: “minhas próprias observações demonstram que temos subestimado os poderes das crianças e que não existe conhecimento que não se lhes possa creditar”.

³¹ Remeto o leitor ao instigante ensaio de Herbert Marcuse (1998), no qual o filósofo, sem citar Ferenczi, tece formulações acerca de um sujeito constituído unicamente de id e superego, por meio de identificações estáticas encontradas na “sociedade sem pai”.

Em contrapartida, a criança clivada (e a criança que sobrevive no adulto traumatizado), precocemente amadurecida, é aquela que perdeu a via de acesso ao seu núcleo sensível – sede da sua potência criadora – e desaprendeu a brincar. Seu saber é insosso, erigido a partir da incorporação do agressor, sinônimo de perda da autenticidade. Nesses casos, o tripé que constitui o método freudiano – associação livre, princípio de abstinência e interpretação das resistências e do recalçado – mostra-se inoperante, uma vez que a emergência das formações do inconsciente deixa de se manifestar como efeito da circulação da palavra. E o desafio do psicanalista passa a ser, assim, o de contrapor à progressão traumática a possibilidade de regressão do analisando à ludicidade da ternura na situação transferencial.

De fato, o estilo clínico desenvolvido por Ferenczi com os pacientes difíceis levou-o a “atenuar consideravelmente a oposição tão viva até o presente entre a análise de crianças e a análise de adultos”, fazendo emergir a “análise pelo jogo” mesmo na clínica com os adultos (1931a, p. 70-73). Dessa maneira, tanto as repetições das experiências traumáticas quanto as manifestações ternas e lúdicas passaram a frequentar (novamente, uma vez que o cenário se assemelhava ao do tratamento das histéricas do século XIX) o *setting* psicanalítico. “Não é raro os pacientes trazerem-nos... pequenas histórias compostas por eles, até mesmo poemas ou rimas forçadas”, escreve Ferenczi, acrescentando: “alguns me pedem um lápis para me presentear com um desenho ou um retrato, em geral muito primitivo” (*ibid.*, p. 75).

Percebe-se, assim, que a clínica dos pacientes difíceis, ou seja, aqueles que, em função de suas defesas ante o desmentido traumático não se adaptavam à técnica tradicional, elegeu como objetivo privilegiado a expressão dos seus componentes sensíveis clivados. Trata-se de uma tarefa laboriosa, decerto, mas não impossível enquanto restar algum elã vital.

Não deixa de ser surpreendente notar que Ferenczi, teorizador do bebê sábio e da criança traumatizada, precocemente amadurecida, tivesse merecido o apelido de *enfant terrible* da psicanálise.

3.7. “Soltar as línguas”: clínica do trauma e testemunho

O resgate da problemática do trauma empreendido por Ferenczi a partir de meados dos anos 1920 teve como motivação não apenas os impasses da clínica, que o levaram a diagnosticar um severo compro-

metimento nos processos identificatórios dos “pacientes difíceis”, mas também a sua experiência no *front* da Primeira Guerra Mundial como médico do exército húngaro. Como sublinha Gustavo Dean-Gomes (2019), o contato com as neuroses traumáticas apresentadas pelos combatentes incitou o interesse de vários analistas, a ponto de dedicarem um simpósio sobre as neuroses de guerra durante o Congresso Internacional de Budapeste, ocorrido em 1918. Pode-se imaginar, *a posteriori*, que o aguçamento da sensibilidade de Ferenczi para os traumas com origem em um fenômeno social e político como a guerra contribuiu para a torção decisiva no seu entendimento acerca da importância da alteridade na produção de experiências disruptivas.

Após o abandono da teoria da sedução – que postulava a fonte do traumatismo no assédio sexual efetuado adulto sobre a criança –, o papel do outro na produção do fenômeno traumático foi, quando não totalmente ignorado, bastante menosprezado pela comunidade psicanalítica. Ao retomar o problema do trauma em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920) enfatiza sua fonte no excesso de excitação promovido pelo trabalho da pulsão de morte no psiquismo, sem privilegiar o papel da alteridade na sua produção. O trauma freudiano persiste sendo um *trauma sexual* – porque referido ao movimento de desintração pulsional –, ainda que se conceba a influência de Tântatos na sua constituição.

Em contrapartida, na descrição de Ferenczi o evento traumático se consuma apenas no tempo do desmentido empreendido pelo outro em quem se confiava, e a quem se solicitou auxílio para representar a violência sofrida. Assim, ao propor uma leitura *relacional* do conceito freudiano de *Verleugnung* – a recusa da castração encontrada nas perversões –, Ferenczi abre caminhos para a concepção de *trauma social*, indicando que o não reconhecimento da narrativa de sofrimento de um sujeito em condição de vulnerabilidade implica no desmentido da sua experiência e do seu testemunho pelo outro a quem se recorreu no campo social e político.

Dessa maneira, se o *trauma sexual* freudiano, mesmo quando referido a uma intrusão externa, caracteriza uma operação intrapsíquica, a concepção de *trauma social* explicita uma fratura na operação de reconhecimento no campo das relações sociais e políticas (cf. Gondar, 2012). Ante a ameaça de morte, exclusão, segregação e violência, somos todos crianças em busca de um testemunho que possa nos auxiliar a resgatar nossa dignidade atingida pela indiferença daqueles a quem se recorreu em busca de auxílio.

Inspirados na concepção relacional e social da traumatogênese ferencziana, encontramos algumas ferramentas úteis para a reflexão acerca da dimensão clínica do testemunho e do seu acolhimento pelo outro, seja na vida cultural, seja no próprio curso de um tratamento analítico. Apresentaremos, a seguir, a partir da produção iconográfica e escrita de um sobrevivente de Auschwitz, um exemplo de como o desmentido produz efeitos na vítima de violência social, e também de como a psicanálise, por meio da oferta de um testemunho possível para a vivência da indiferença, pode atuar para a produção de sentidos a partir da experiência traumática. Será possível, assim, perceber que a perlaboração do trauma nos obriga à invenção de uma linguagem própria e criadora de um estilo único para dizer aquilo que não pode ser dito.

3.7.1. A estética do desmentido: os *Cadernos de Maryan*

Fomos apresentados a Maryan S. Maryan por intermédio de Alan Osimo (2016), que durante sua pesquisa sobre as relações entre trauma e testemunho encontrou, por caminhos inusitados, seus *Cadernos de desenhos*.

Maryan S. Maryan foi o nome artístico adotado por Pinchas Burshtein, nascido na Polônia em 1927 que, por ser judeu, foi enviado no início da sua adolescência para Auschwitz e para outros campos, sobrevivendo – com graves sequelas físicas e psíquicas – à experiência concentracionária. Após a guerra, foi acolhido em um campo de refugiados na Alemanha emigrando, em 1947, para Israel, onde iniciou seus estudos artísticos. Mudou-se em 1950 para a Paris, onde concluiu sua formação na École Nationale des Beaux Arts, tornando-se um conhecido representante do expressionismo, tendo sido agraciado, em 1976, com o título honorífico de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* da França. Em 1962, Maryan foi viver em Nova York, onde permaneceu até sua morte, em 1977, aos cinquenta anos de idade. Durante sua carreira, expôs em vários países da Europa, nos Estados Unidos, em Israel e na Venezuela, merecendo destaque em importantes galerias e museus.

Em busca de auxílio para seu sofrimento, que se agravava com o passar dos anos, submeteu-se a um processo analítico entre 1971 e 1972. Pela impossibilidade de falar – sobre os parentes mortos em Auschwitz, sobre o período em que foi encarcerado ou mesmo sobre sua infância –, seu psicanalista lhe sugeriu que desenhasse e, por meio

dos desenhos, resgatasse sua memória e sua história.³² Maryan preencheu ao todo nove cadernos com 478 desenhos em crayon sobre papel, com motivos que vão da sua infância na Polônia à própria experiência analítica, passando pelo pesadelo dos campos de concentração. Os *Cadernos* vieram a público na íntegra apenas em 2013, em uma exposição realizada no Musée d'Art et d'Histoire du Judaïsme, em Paris (Maryan, 2013), e hoje pertencem ao acervo do Centro Georges Pompidou.³³

Maryan foi o único membro de sua família que escapou do nazismo. Durante sua prisão nos campos, sobreviveu a uma sessão de fuzilamento em que chegou a levar dois tiros (um no rosto e outro no pescoço) e, em outra ocasião, já próximo da libertação, foi ferido e acabou tendo uma das pernas amputada. Esses eventos estão presentes em muitas das imagens desenhadas por Maryan em seus *Cadernos*.

Nossa escolha pela discussão do *caso* Maryan nesse capítulo, dedicado ao trauma na obra de Ferenczi, deu-se por alguns fatores: em primeiro lugar, trata-se, de acordo com a versão publicada no catálogo da exposição de Paris, de material clínico, ou seja, de desenhos realizados no curso de um processo analítico como busca de expressão, favorecida pelo campo transferencial, para o impacto de eventos traumáticos efetivamente vividos. Além disso, porque Maryan foi vítima de violência social e política e, assim, o testemunho produzido pelos seus *Cadernos* refere-se a experiências compartilhadas por milhões de pessoas – o encarceramento em campos de concentração – e, nesse sentido, tem o potencial de evocar um trauma coletivo da humanidade, assim como ocorreu com a escrita de Primo Levi (cf. Osmo & Kupermann, 2017; cf. Soreanu, 2018). Seus desenhos teriam, de acordo com essa hipótese, a aptidão para expressar o afeto transindividual do horror compartilhado não apenas pelos que morreram ou pelos que sobreviveram aos campos – e por seus descendentes diretos –, mas também por todos os que se indignam com esse capítulo sombrio da nossa história recente.

Sabe-se que vítimas de traumas psíquicos muitas vezes não encontram recursos para a representação do vivido, valendo-se, assim, da modalidade da “mostração” na presença de alguém significativo como

³² Para a controvérsia referente ao que levou, efetivamente, Maryan a conceber seus *Cadernos*, remeto o leitor a Alan Osmo (2018).

³³ Ver <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>

tentativa de testemunhar, por meio da figurabilidade (*Darstellung*),³⁴ a dor evocada pela memória irrepresentável (cf. Bastos, 2018). Os desenhos de Maryan oferecem ao seu espectador uma imagética necessária para a evocação do indizível favorecendo a busca de produção de sentidos para os eventos indelévels produzidos pela *Shoah* naqueles que se dispõem a entrar em contato com a expressão da sua agonia. Seus *Cadernos* ilustram, desse modo, sem qualquer pudor, a face contemporânea da Medusa: *a indiferença ao sofrimento do outro por meio do desmentido de seu testemunho*.

Em função de limitação de espaço, reproduziremos aqui apenas cinco desenhos por meio dos quais o leitor poderá reconhecer os aspectos mais decisivos da teoria ferencziana do trauma. Em todos eles há um evidente irrealismo; seus *Cadernos* não pretendem configurar uma representação objetiva do que foi vivido por Maryan nos campos, mas testemunhar o horror que os acontecimentos traumáticos imprimiram em sua subjetividade e, ao mesmo tempo, alcançar a sensibilidade do espectador. Pode-se assim compreender a opção de Maryan pelo estilo grotesco que, além de ter o potencial de transmitir a intensidade da sua afetação, parece indicar o próprio movimento de *regressão* proporcionado pelo espaço analítico. Há, efetivamente, algo de onírico, e mesmo de alucinatório, em seus desenhos, que tende a remeter seu espectador ao universo aterrorizante dos pesadelos infantis, bem como ao corpo esburacado e vazado que defeca, vomita e chora, fonte da onipotência erógena infantil (ver Capítulo 4) que insistimos em recalcar (Fig. 1).

Além disso, observa-se com frequência a presença simultânea, no mesmo personagem, dos símbolos representativos do judaísmo (a estrela de David) e do nazismo (a suástica), revelando a *identificação com o agressor* produzida pelo evento traumático (Fig. 2).

A testemunha que ri do seu sofrimento, muitas vezes na forma de caveira, nos remete prontamente ao *desmentido traumático* (Figs. 3 e 4). Finalmente, o leitor poderá perceber que o personagem que desmente está, muitas vezes, situado atrás daquele que sofre, que se encontra deitado a sua frente, aludindo ao próprio *setting* analítico; dessa maneira, o psicanalista aparece nos *Cadernos* tanto como testemunha capaz de reconhecer a agonia da vítima do trauma, quanto como o potencial *agressor* que a desmente (Figs. 3 e 4).

³⁴ A respeito do conceito psicanalítico de figurabilidade, ver Freud (1900a, b) e Botella e Botella (2002).

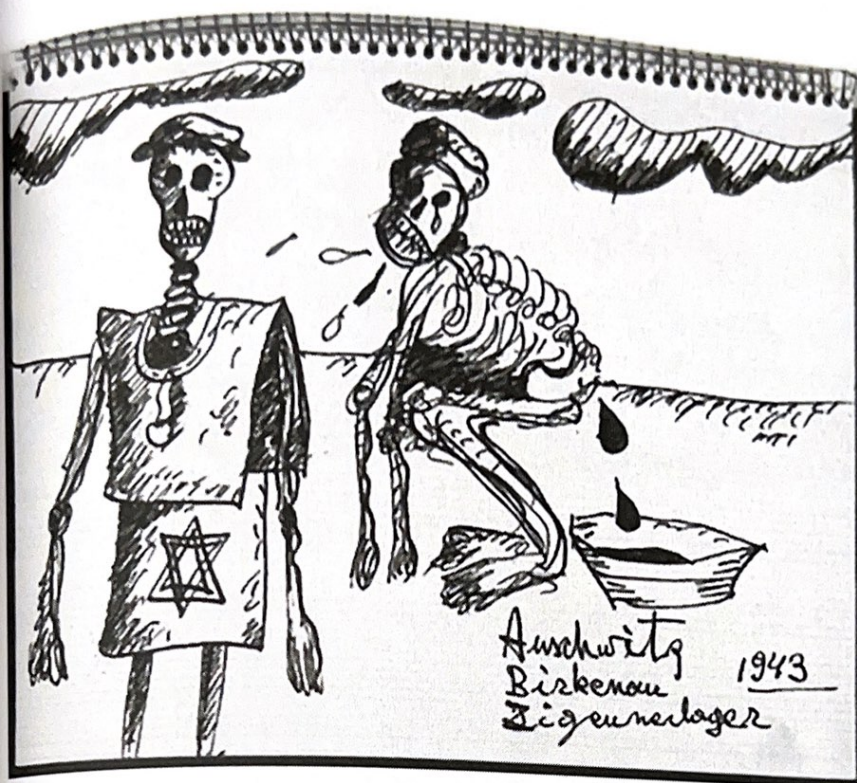


Figura 1 – Caderno 4. Fonte: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>.



Figura 2 – Caderno 4. Fonte: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>.

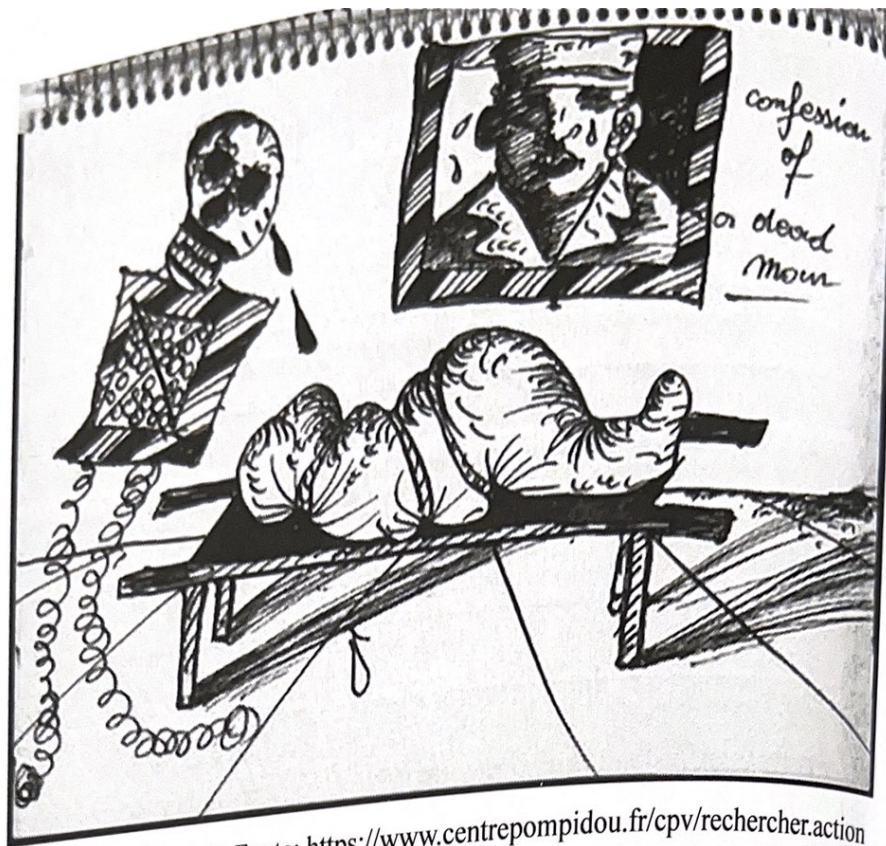


Figura 3 – Caderno 6. Fonte: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>

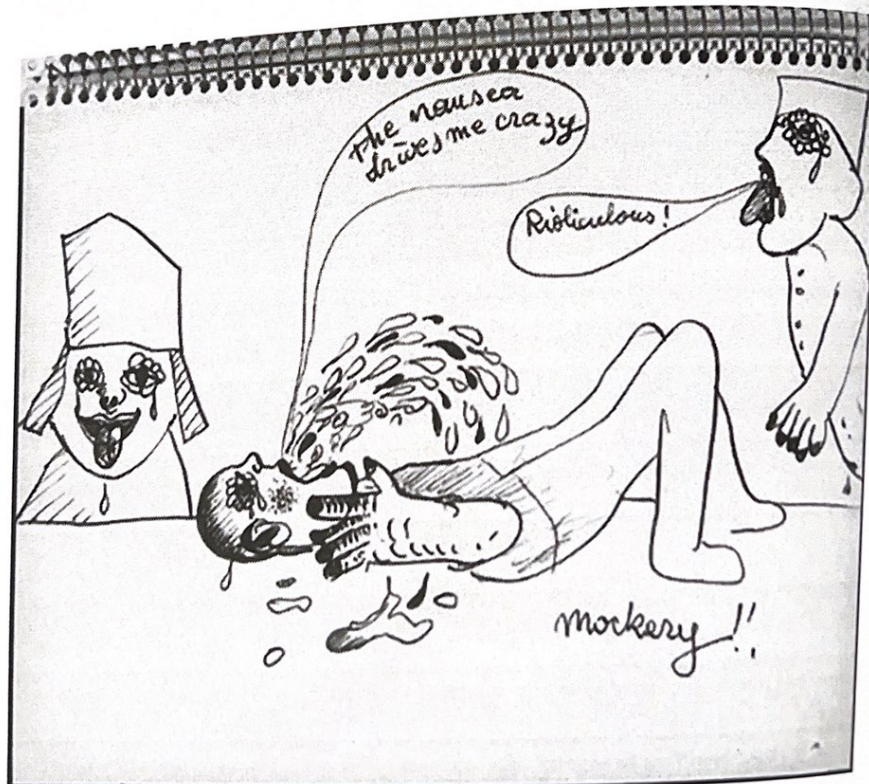


Figura 4 – Caderno 9. Fonte: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>

Na Figura 5, inclusive, o personagem que chora desesperadamente se dirige a uma caveira – a mesma que aparece na Figura 3, representando o analista que porta um objeto que se assemelha a um espelho – exclamando: “you dirty shrink”.



Figura 5 – Caderno 6. Fonte: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/rechercher.action>

Um único psicanalista, Gérard Wajcman (2013), contribuiu com um ensaio no catálogo da exposição dos *Cadernos de desenhos* de Maryan. O curioso em sua leitura é que, apesar de tecer excelentes comentários acerca da potência expressiva dos desenhos, critica o psicanalista de Maryan por tê-lo incentivado a desenhar e, assim, não dar lugar à palavra durante tratamento do artista. Para Wajcman, os desenhos nos provocam um efeito de silenciamento justamente pelo fato paradoxal de terem a competência de expressar tão intensamente a dimensão traumática da experiência do artista.

A aproximação imediata que se pode fazer com a presença de desenhos no *setting* analítico é com a psicanálise com crianças. Ainda se-

gundo Wajcman, nas análises com crianças os desenhos serviriam para abrir o campo para a palavra, não tendo valor de perlaboração em si mesmos. Sabemos das controvérsias nesse sentido, referentes às concepções acerca do brincar na clínica com crianças. Winnicott (1975), em passagem bastante conhecida de *O brincar & a realidade*, por exemplo, diferenciando substantivo de verbo, alerta que os psicanalistas, desde Klein, teriam dado muita atenção ao conteúdo da *brincadeira*, subestimando a função do *brincar* na clínica. Antes dele, porém, em *Análise de crianças com adultos*, Ferenczi (1931a) havia observado de que modo a regressão favorecida pela flexibilidade do *setting* analítico proporcionaria, mesmo ao adulto, o recurso à "análise pelo jogo" indicando a via, por meio de manifestações lúdicas e verdadeiramente infantis, para a simbolização e a perlaboração das cicatrizes traumáticas. Recordando seu comentário, alguns analisandos chegavam a solicitar um lápis para esboçar desenhos geralmente muito *primitivos*. Ferenczi é categórico em relação à riqueza dessas produções rudimentares – porque infantis – no curso das análises:

É importante não abusar desse estágio de maior aflição para impregnar o psiquismo sem resistência do paciente de teorias e formações fantasísticas próprias ao analista; é preferível utilizar essa influência, inegavelmente grande, para aumentar no paciente a *capacidade de elaboração* [itálicos nossos] de suas próprias produções. (*op. cit.*, p. 76)

Desse modo, para Ferenczi regressão e ludicidade são partes integrantes *setting* na clínica do trauma, não havendo efetivamente separação entre forma e conteúdo na escuta da emergência de material inconsciente, o que nos remete à valorização da expressividade e da dimensão estética da clínica (problemática que desenvolveremos no próximo capítulo). Ferenczi (*id.*) chega a criar um neologismo, propondo que em vez de "introssugerir" conteúdos ao analisando, a análise deveria promover condições para que este pudesse "exossugerir" suas lembranças, seus fantasmas, suas agonias e seus desejos, o que seria clinicamente bem mais útil.

Observamos, ainda, que em muitos dos desenhos de Maryan temos a copresença de palavras ou mesmo frases inteiras e de imagens, à moda das charges jornalísticas. Além disso, como não temos notícias do uso dos seus desenhos no *setting* analítico – ou seja, de que maneira deram ou não acesso à palavra na sua análise – não temos como acompanhar a crítica de Wajcman. De qualquer maneira, pelo exposto, deve-se perguntar se o ato de *testemunho* presente na composição dos

seus desenhos não teria, em si, efeitos analíticos. Em caso afirmativo, desenhar e legendar equivaleria a dizer... na linguagem da ternura possível para Maryan.

O segundo ponto importante evocado por seus desenhos é a relação entre as guerras que marcaram decididamente o século XX e a reflexão acerca do trauma promovida pela psicanálise. Wajcman (*op. cit.*) recorre a Walter Benjamin indicando que a concepção do fim da possibilidade da narrativa³⁵ deve-se à percepção de Benjamin de que os combatentes retornaram *mudos* das trincheiras da Primeira Grande Guerra; não mais ricos pela experiência, mas sem palavras que pudessem comunicar qualquer experiência vivida. Os franceses utilizavam a expressão "gueules cassées" ("caras quebradas"), criada pelo Coronel Picot, para se referir aos efeitos restritivos dos traumas de guerra sobre as possibilidades de expressão dos combatentes.

Sabemos o quanto o resgate do problema do trauma por Freud e por Ferenczi se deve justamente à Primeira Guerra Mundial e aos cuidados oferecidos às vítimas das "neuroses de guerra" (Ferenczi, 1916; Freud, 1919). Nesse sentido, apesar de reconhecer a dimensão do irrepresentável traumático, a aposta clínico-política da psicanálise frente ao mutismo que recaiu sobre o século XX sempre perseverou no trabalho de *dizer* aquilo que não se pode dizer, *simbolizar* o inominável, *testemunhar* o emudecido e *expressar* o intangível, o que implica uma ética e uma estética próprias.

Insistindo ainda no fato de que a escuta do trauma necessariamente evoca a dimensão política da psicanálise, entendemos que a teorização do trauma social apoiada no conceito de *desmentido* aponta para a dimensão de luta à qual Freud se refere em vários momentos da sua obra referindo-se ao conflito entre as instâncias psíquicas, ressignificando-a como *luta por reconhecimento*, no sentido da aproximação entre a concepção hegeliana de reconhecimento e a operação proporcionada pela clínica psicanalítica proposta por Jessica Benjamin (1988).³⁶ Segundo a autora, "reconhecimento é aquela resposta do outro que torna

³⁵ Sobre o fim da narrativa, ver Benjamin (1986).

³⁶ Ver também *Luta por reconhecimento: a gramática dos conflitos sociais*, de Axel Honneth (2009).

significativos os sentimentos, intenções e ações do *self*. Ele permite ao *self* perceber sua própria agência e autoria de maneira tangível" (*op. cit.*, p. 12).

Na clínica psicanalítica, a necessária reparação do desmentido traumático convoca a presença sensível do psicanalista; de acordo com o argumento que desenvolvemos ao longo do capítulo, o analista desempenha a função de testemunha do gesto do analisando, promovendo o reconhecimento da sua dor até então inominável (*cf.* Gondar & Antonello, 2016). A formulação de que é, sobretudo, sobre o fracasso do *tempo do testemunho* que o psicanalista atua na clínica das subjetividades traumatizadas fundamenta a tarefa inestimável da operação de reconhecimento na prática psicanalítica.

O último ponto que gostaríamos de destacar nos desenhos de Maryan é o da onipresença do estilo grotesco, no qual predominam o irrealismo onírico e alucinatório, a ponte entre o infantil e o monstruoso, e a presença do corpo incontinente; corpo dos orifícios (também provocados pelos furos das balas) por onde as secreções e os excrementos – lágrimas, vômitos, sangue e fezes – se exibem sem qualquer pudor.

Dissemos acima que o trabalho de dizer aquilo que não se pode dizer implica uma ética e uma estética próprias. De fato, se considerarmos o circuito de produção de sentido a partir dos comentários de Freud (1905b) em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, no qual o *Witz* produz efeitos de inconsciente *apenas* na medida em que afeta a "terceira pessoa" (seu público), concebemos que há uma determinada maneira de dizer, ou um estilo, se preferirmos, que permite que a revelação do recalado promova laço social, e não constrangimento ou agressão ao outro. Isso porque em Freud, o mesmo elemento que produz horror ou estranhamento (*das unheimliche*) pode produzir o riso compartilhado (*cf.* Kupermann, 2003, cap. 6). De fato, a apreciação dos desenhos de Maryan provoca, em alguns dos seus espectadores, um sutil efeito humorístico que parece não contradizer seu efeito aterrorizador; nesse caso, o humor e o horror assumiriam funções simétricas, porém em polos opostos, expondo a ambivalência entre o terrificante e o grotesco, detida, segundo Vernant (1991), pela categoria do "monstruoso".

O aprofundamento da leitura de Vernant acerca do "monstruoso" na Grécia antiga, ao qual o *Witz* se filia, nos permite uma aproximação maior do problema. Há, na mitologia grega, um parentesco entre

duas figuras de destaque que evocam representações da alteridade, a górgona Medusa e a graia Baubó, que diverte Deméter com suas palhaçadas. O traço em comum às duas é a careta, tanto aquela que nos apavora – como a representada no retrato da Medusa executado por Caravaggio –, quanto as máscaras sexuais de Baubó que fazem Deméter gargalhar.

Ainda segundo Vernant, a careta, por meio da desfiguração dos traços que compõem a figura humana exprime, “mediante um efeito de *inquietante estranheza*, uma monstruosidade que oscilaria entre dois polos: o horror do que é terrificante, o risível do grotesco... a face monstruosa à qual sob certos aspectos equivale, pode provocar igualmente o pavor de uma angústia sagrada e a gargalhada libertadora” (*ibid.*, p. 40).

Os desenhos de Maryan, com sua mescla de infantil e terrificante, com seus corpos incontinentes e com a onipresença da morte na forma de careta sarcástica/suástica, parecem revelar a tentativa de encontrar uma linguagem capaz de dar contornos e continência ao obscuro que a tragédia histórica dos campos de concentração revelara. De fato, por detrás da aparência de ordem civilizatória, promovida pela razão instrumental, encontrava-se o absurdo por meio do qual a dignidade humana fora reduzida à vida nua, como indicou Agamben (2002). Em Maryan, a expressão dessa modalidade de horror velada pela eficácia da indústria da morte convoca o estilo grotesco, no qual o monstruoso se alinha ao sarcasmo e ao ridículo, exercendo sobre nós um efeito hipnótico capaz de provocar um eloquente emudecimento.

Na psicanálise, o trabalho autêntico com o trauma é aquele capaz de criar uma linguagem possível para a expressão de uma experiência até então indizível, supremo paradoxo que continua a provocar o desejo e a imaginação dos analistas. Sabemos, no entanto, que o que não se pode dizer, pode-se mostrar. Mas o que se pode mostrar ganha sentido apenas diante do testemunho de um *outro* que se opõe à indiferença predominante na nossa vida cultural.